

Macaco Inspira Livro Com as Suas Garatujas

O zoólogo inglês Desmond Morris, superintendente do Departamento de Mamíferos do Jardim Zoológico de Londres, observou durante três anos um macaco nôvo, "Congo", enquanto desenhava e pintava sobre folhas brancas de papel.

Se lhe arrebatavam a folha ou as tintas, o quadrúmano gritava e chorava. Se, depois de preencher a folha, recebia outra, começava a pintar avidamente. O dr. Morris escreveu, a seguir, um livro de grande interesse, "Biologia da Arte", onde baseado nas suas experiências e diurnas observações, procura identificar a natureza da relação existente entre um macaco e a arte figurativa.

22 "ARTISTAS"

"Congo" preencheu sozinho, nada menos de quatrocentas folhas, algumas em branco e preto, outras em cores. Aliás, não é a primeira experiência nesse sentido. Há cerca de cinquenta anos, a cientista russa Nalie Koths descobriu que quando se davam a um macaco outros papéis e lápis, ele se punha a garatujar como uma criança.

Experiências idênticas foram a seguir realizadas na Inglaterra, na Holanda, na Suíça, na Alemanha e nos Estados Unidos. Segundo revela o dr. Desmond Morris na citada obra, existem vinte e dois macacos autores de desenhos e pinturas. Há pouco mais de quatro anos, foram vendidas em hasta pública, em Londres, telas pintadas por um símio.

OBJETIVOS

O objetivo de Morris não é, certamente, demonstrar que os macacos são capazes de dar vida a um fato artístico. O título do livro explica as intenções da pesquisa. O autor observou, por exemplo, que se dermos a um macaco uma folha onde haja alguns quadrados pretos, o animal levará em conta essa circunstância e traçará os seus desenhos de modo a obter certa simetria. Se houver somente um quadrado à esquerda, tenderá a preencher o espaço intermediário.

O volume é ilustrado. Os desenhos mostram que o macaco não move a mão a êsmo. Quando Morris, em lugar de um lápis lhe dava giz de côr ou pincéis embebidos em diversas tintas, demonstrava maior interesse e "pintava" por mais tempo, com resultados mais complexos. Embora tendesse a usar as tonalidades vermelhas e alaranjadas, a sua preferência sempre se voltava para a côr que ainda lhe era nova.

A característica mais interessante dos "trabalhos" de "Congo" não era, porém a coloração, mas o desenho. Assim é que seus traços jamais saíam da folha. Quando esta era pequena, as garatujas também o eram; o mesmo se dava quando as garatujas eram grandes.

ESTILO

Salienta o autor da obra que, no curso de três anos, o estilo dos desenhos de "Congo" modificou-se notavelmente. Nas primeiras vêzes, ele tendia a reproduzir constantemente uma espécie de círculo constituído de raios partindo de um centro. Com o passar dos meses, todavia, houve variações; por exemplo, raios quebrados na metade.

A partir de determinado período, o centro do círculo foi substituído por uma audaz mancha preta. A seguir, os raios tornaram-se curvos ou cortados por linhas horizontais. Desenhou, inclusive, raios que se entrelaçavam. E certa vez, um círculo de raios às avessas, isto é, começando cada linha de baixo para cima, em lugar de traçá-la na sua direção, como costumava fazer. Escreve a propósito Morris: "Todo o processo foi a lenta viagem de uma descoberta gráfica muito semelhante à de uma criança nos primeiros anos de sua existência".

APICE

"Congo" chegou ao ápice de sua "arte" no dia em que desenhou um círculo rudimentar. Sabe-se que, quando uma cri-

ança chega a desenhar um círculo, tende normalmente a preenchê-lo de pontos e de linhas, na tentativa de reproduzir o rosto humano, passando depois ao corpo e aos membros. Pois bem. "Congo", depois de fazer o seu círculo, também se pôs a preenchê-lo laboriosamente de pontos e de linhas, mas não foi além.

Pondera o paciente zoólogo: "Seja como fôr, êle havia chegado ao ponto em que, se fôra um ser humano, teria evoluído, até desenhar um rosto humano elementar".

Qual a conclusão de Desmond Morris? A pintura moderna, escreve êle, chegou indubitavelmente a um ponto em que existem semelhanças, embora superficiais, entre as correntes extremistas e os desenhos dos macacos. Isto não deve, porém, ser interpretado como uma crítica a determinada pintura moderna. Significa, tão-somente, que o homem-pintor chegou a um estágio em que os seus interesses são, basicamente, os do macaco. Os progressos da imprensa, da fotografia e do cinema, libertaram o pintor da tradicional necessidade de reprodução, pelo menos com um objetivo de comunicação, e agora, tal como o macaco, êle se dedica à criação abstrata.

Rainha Cristina

Tema de Grande

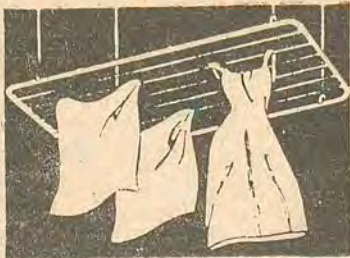
Exposição Sueca

Cristina da Suécia, a rainha do século XVII que abdicou para residir em Roma e tornou-se uma das personalidades mais famosas de seu tempo e a primeira mulher "moderna" na história da Europa, estará em evidência no verão de 1966, em Estocolmo.

A National Gallery da Capital sueca escolheu Cristina e sua época como tema da Décima Primeira Exposição Europeia, que será apresentada sob os auspícios do Conselho da Europa, entre 1.º de julho e 16 de outubro do próximo ano.

Um andar completo, de 35 salas da National Gallery, será reservado para esta exposição que é, provavelmente, a maior manifestação cultural, nesse sentido, até agora realizada na Suécia. Em virtude das vastas e preciosas coleções de Cristina terem se espalhado por todo o mundo durante séculos, os museus de muitos países colaboraram emprestando seus tesouros. Por cortesia pessoal do Papa Paulo VI, o Vaticano, como única exceção às suas rígidas regras, emprestará um certo número de manuscritos inestimáveis. (SIP)

ENXUGADOR Trapé - Luxor



Revestido c/ plástico p/ teto e parede

Tamanhos de 0,90 — 1,00 — 1,20 — 1,39 — 1,40 de comprimento por 0,60 de larg. e 2,20x0,45 para lençol

Fazemos orçamento para qualquer tipo e tamanho de varal

De alumínio c/ 8 varetas Cr\$ 12.000

RUA JORGE TIBIRIÇA, 269

FONE 7-3705

ALMEIDA & ALMEIDA S.A. — Rua Consolação, 2036

FONE: 52-1167